

RESUMO

A dificuldade de adaptação e inclusão de crianças surdas traz o interesse em conhecer o papel da família e do letramento desta em suas vidas, o que a família significa para a sua educação, e as expectativas que esses pais têm em relação ao letramento, inclusão e desenvolvimento escolar de seus filhos, considerando que muitos dos comportamentos individuais revelam o tipo de configuração familiar na qual o sujeito está inserido (Knobel, 1992). Há, ainda, uma diferença significativa entre os tipos de letramento, não apenas quanto a suas características, mas, principalmente, quanto ao impacto que geram no confronto com o padrão escolar. O desconhecimento da orientação de letramento do grupo social à que pertence a criança pode impedir a compreensão do desenvolvimento e das necessidades que ela apresenta (Terzi, 1995). Assim, nota-se uma necessidade de investigar a orientação de letramento das comunidades a que pertencem as crianças, neste caso, filhos surdos de pais ouvintes oriundos de meios iletrados.

INTRODUÇÃO

Considerando a linguagem como um sistema vivo, presente na história e no meio social, encontramos-nos, com inúmeros questionamentos em relação à surdez. Questões sobre a leitura e a escrita estão fundamentalmente ligadas às concepções que se têm sobre o que é a linguagem. E essas concepções passam, obrigatoriamente, pelos objetivos que se atribuem à escola e à escolarização. A surdez, por ser invisível, não é compreendida pelos ouvintes, mas tem uma interferência enorme no desenvolvimento social, educacional e emocional da criança surda. A sociedade, por sua vez, apresenta-se com dificuldade em adaptar-se à noção de que o deficiente pode ser uma pessoa produtiva, como qualquer outra, ficando a deficiência como marca restritiva e exclusiva.

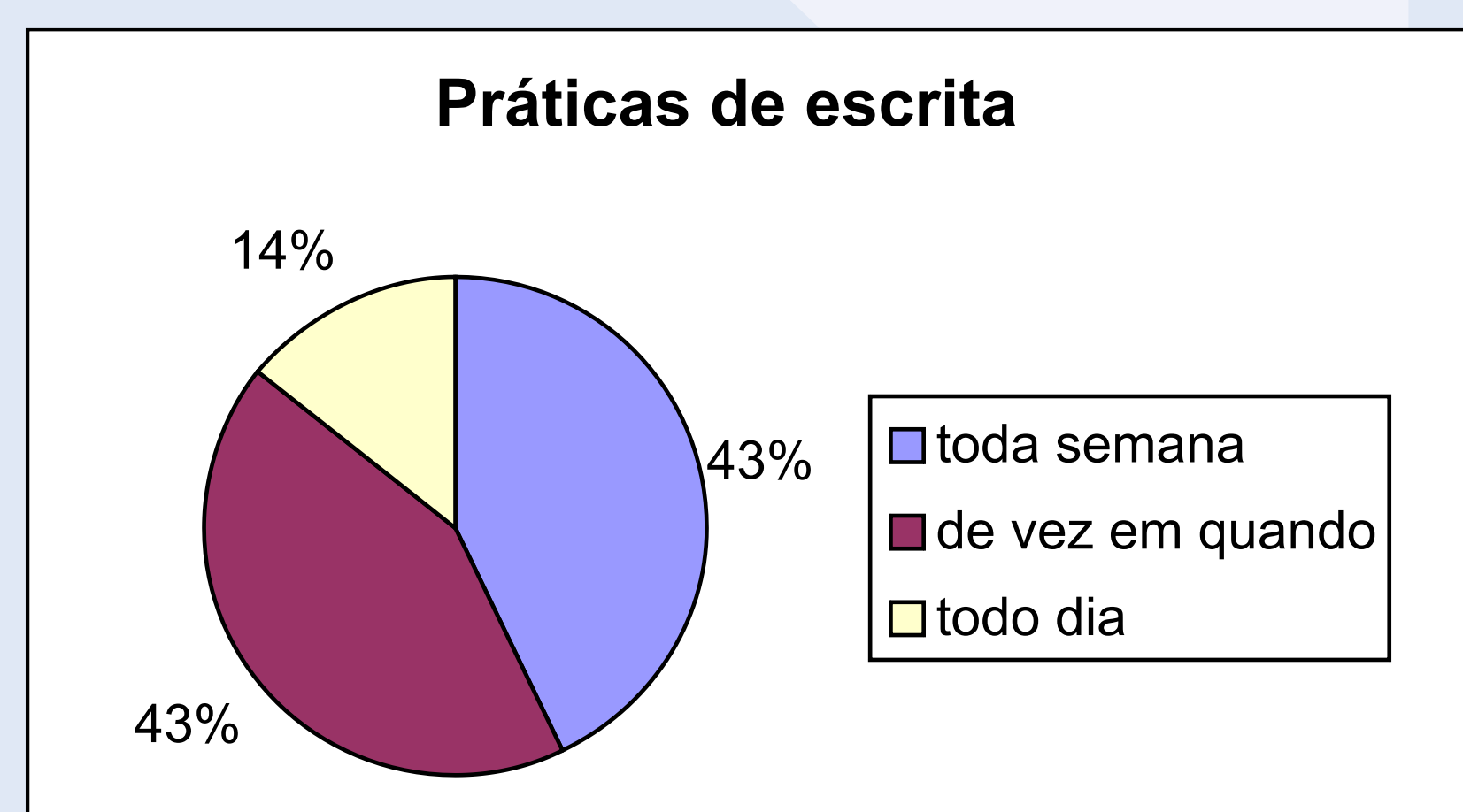
METODOLOGIA

O método utilizado para a observação e o registro das situações vivenciadas neste projeto foi o da pesquisa qualitativa (cf. LUDKE e ANDRÉ, 1986). Aparte inicial do trabalho consistiu na pesquisa bibliográfica sobre os temas relacionados, produzida nos campos da educação, da linguística e da fonoaudiologia. Posteriormente foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa envolvendo as mães de crianças surdas que frequentam o programa ESCOLARIDADE E SURDEZ do CEPRE/FCM/UNICAMP e ao mesmo tempo estão inseridas na rede regular de ensino numa etapa de 2ª. até a 5ª. série do ensino fundamental. Durante a investigação foram realizados contatos com as mães, para conhecer a história, a cultura e letramento da criança e da família. As crianças do programa Escolaridade e Surdez que foram observadas frequentam escolas regulares num nível de 2ª. à 4ª. Série e suas idades variam de 8 a 12 anos. Tais crianças têm perda auditiva bilateral neurosensorial, e perda auditiva neurosensorial bilateral de severa a profunda. Durante o semestre foram realizadas também reuniões com as mães das crianças observadas do Grupo Escolaridade e Surdez.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o início desse trabalho as perguntas sobre letramento, surdez e família eram muitas; eram e ainda são. Mas, o lugar de destaque que a escrita conquistou entre todos esses tópicos aparece agora, após um ano e meio de observações e atividades. A idéia de fazer **Oficinas temáticas** com as mães surgiu como tentativa de identificar algo que hoje entendemos como o 'elo' fundamental entre o letramento, a surdez e a família. E nesse processo, a identificação de cada aspecto desse complexo conjunto, passo a passo, teve sua importância no ponto em que chegamos agora. Muitas vezes descobrimos em culturas que não dispõem de uma tradição escrita, ou em classes subalternas das nossas sociedades, uma polaridade de atitudes: ou a rejeição total, ou a aceitação total e acrítica do que está escrito e, ainda mais, impresso, acompanhada, esta última atitude, por declarações tautológicas, do tipo "tudo que está escrito é importante, porque foi escrito", como apontado por Beduschi (apud Gnerre 1998). Por outro lado, Sobrero (apud Gnerre 1998) ressalta que a "rejeição do que está em relação com a escrita, do livro, é desconfiança em relação a tudo que não pode ser controlado, que provém de fora".

O contato que as mães possuíam com materiais de leitura e escrita era mínimo: pouco material de leitura em casa, pouco uso da escrita no cotidiano, como mostra o gráfico a seguir:



Assim, na primeira Oficina, elaboramos uma atividade 'livre', com revistas.

Porém, logo no início da atividade, quando apresentamos a proposta de confeccionarmos um cartaz, o 'medo' foi geral: pouca interação das mães entre si e com as duas pesquisadoras presentes, pouca motivação ao folhearem as revistas, e uma dificuldade enorme no momento em que deveriam escrever qualquer sentença, como: "Oi, filho. Te amo". Apesar da pouca produção material, essa primeira Oficina parecia reforçar a importância relevante do meio iletrado: baixa escolaridade, pouco contato, pouca 'capacidade' de elaboração de materiais textuais. Já na segunda Oficina, o 'gênero' escolhido foi a **receita**. A idéia, novamente, era trabalhar algo simples, que está em programas de culinária, na TV, por exemplo. Durante a primeira atividade, como apresentado anteriormente, as mães relataram não ter muito contato com receitas em casa. Apesar de a atividade ser feita com a ajuda de todo o grupo de mães e das pesquisadoras, a escolha da mãe que iria escrever foi difícil. Todas se recusavam a escrever, justificando que a letra era feia, por exemplo. Depois de muita 'negociação', duas mães resolveram escrever: uma mãe escreveu a primeira parte e outra mãe escreveu as instruções finais. Após o trabalho com atividades supostamente simples, a terceira Oficina temática usou o gênero **poesia** como tema.



Crianças surdas dramatizando o roteiro da história "Chapeuzinho Vermelho".

A idéia de trabalharmos uma poesia com as mães, nos fez elaborar suposições baseadas nas Oficinas anteriores e em algo que parecia óbvio, considerando a relevância do 'tal' meio iletrado e do contato mínimo com atividades de leitura e escrita. No grupo de mães observado há uma mãe que não sabe ler e escrever.

Antes de mostrarmos a poesia de Cecília Meireles, a conversa iniciou-se com duas perguntas:

Pesquisadora: "Vocês conhecem poesia? Gostam de poesia?"

E a surpresa: a mãe que não sabe ler e não sabe escrever (ela frequentou por pouco tempo o ensino primário quando era criança) foi a primeira a responder com empolgação:

Mãe: "Ah, eu gosto de poesia, gosto muito! Eu lembro que a professora contava poesia pra gente e eu gostava [...] gostava de ficar falando porque eu tinha irmãs mais novas, então eu falava essas poesias pra ela [...] eu lembro de algumas, eu gosto mesmo, bastante".

Em seguida, iniciamos a parte que nos parecia ser a mais difícil: as mães deveriam criar um poema. Ao elaborar essa atividade, estabelecemos que as mães criassem um poema em grupo. Porém, e não propositalmente, não programamos de que maneira isso seria feito. Nesse momento a ESCRITA como relevo nos escapou, e no processo de criação desse poema, todas as sugestões, as idéias de palavras rimadas foram dadas pelas mães; porém, quem ESCREVEU o poema foi a pesquisadora. Inicialmente, as mães sugeriram palavras 'bonitas', criaram grupos de rimas possíveis, e então, "escreveram" cada verso de um poema intitulado: "Joãozinho e a cachoeira".

As declarações mais recentes desse grupo de mães mostram ainda uma mudança em relação à imagem que essas mães passaram a ter sobre o que é escrever. No início dessa pesquisa, durante as primeiras reuniões, os dados mostravam um conceito de escrever como uma atividade de cópia.

Após 18 meses de observações e conversas, a conscientização é maior. Perguntadas sobre a situação dos filhos na escola, ao referirem-se à capacidade de escrita das crianças, todas são categóricas ao dizerem que os filhos copiam muito, mas só copiam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Terzi (1995), a escola ao ignorar a história de letramento das crianças oriundas de uma parcela da população e, conseqüentemente, não propiciar a elas condições para a continuidade de seu desenvolvimento não as ajuda a compreender, de fato, esse processo. Assim, entendemos que a nossa escola, que sempre foi feita para a classe média, ou seja, para uma certa camada de pessoas que têm acesso à escrita, espera uma criança com conhecimentos prévios específicos. No caso de crianças surdas, filhas de pais ouvintes oriundos de camada social com baixo poder aquisitivo há um descompasso entre o que a escola espera e as crianças conseguem realizar. Tais crianças demonstram dificuldades em adaptar-se aos padrões escolares, à medida que a escrita em si tem pouca autoridade em seu mundo. Outro fator que contribui para dificultar o acesso do surdo à língua escrita é o que constata Giordani (2004) ao citar:

"A imposição de formas de aprender baseadas na cultura oral, na perspectiva do professor ouvinte, tendo como inibidor o fato de professor e aluno não compartilharem da mesma língua".

As oficinas realizadas com as mães de crianças surdas mostram que falta um elo, uma ligação linguística entre essas mães e seus filhos, mas que não necessariamente vem dessa baixa escolaridade. Além da dificuldade de não compartilharem uma língua (libras português), essas poucas práticas de letramento parecem não significar uma falta de CONHECIMENTO, e sim, um colaborador na ausência de CONTATO com essas atividades. Porém, após a realização das oficinas temáticas A ESCRITA, como portadora de memórias e de marcas, que são em sua maioria, marcas de fracasso, mostra-se como grande inibidora no engajamento dessas mães em eventos de letramento em que a escrita se faz necessária.

BIBLIOGRAFIA

- GNERRER, Maurizio. Linguagem, escrita e poder. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Cap. 2, p. 53.
 KNOBEL, M. Orientação Familiar. Campinas, SP: Papyrus, 1992.
 TERZI, Sylvia B. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, A. (Org.) Os significados do letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1995.